
CICLO DE CINEMA

4 MAI 17:00



LUIS GARCÍA BERLANGA

Retrospectiva

A ESPINGARDA NACIONAL

SERRAVES

SESSÃO 8

4 MAI | 17:00

LA ESCOPETA NACIONAL A ESPINGARDA NACIONAL

Luis García Berlanga | ESP | 1978 | 95'

Realização: Luis García Berlanga

Produção: José Manuel H. Herrero e Alfredo Matas

Argumento: Luis García Berlanga e Rafael Azcona

Direção de fotografia: Carlos Suárez

Montagem: José Luis Matesanz

Direção de som: José Nogueira

Direção de arte: Rafael Palmero

Guarda-roupa: Javier Artiñano e Humberto Cornejo

Caraterização: Julián Ruiz

Interpretação: José Sazatornil (Jaume Canivell), Luis Escobar (Marquês de Leguineche), Rafael Alonso (Cerrillo), Agustín González (Padre Calvo), Antonio Ferrandis (Álvaro), José Luis López Vázquez (Luis José), André Mejuto (De Prada), Conchita Montes (Soledad), Mónica Randall (Mercé), Bárbara Rey (Vera del Bosque), Laly Soldevila (Laura) e Amparo Soler Leal (Chus).

Produção: Impala e In-Cine Compañía Industrial Cinematográfica

Cópia: cor, a exhibir em formato DCP

Duração: 95 minutos

Ano: 1978

País: Espanha

A ESPINGARDA NACIONAL

La Escopeta Nacional (A Espingarda Nacional, 1978) representa, sobretudo, o regresso de Berlanga ao cinema espanhol desde que havia realizado *¡Vivan los novios! (Vivam os Noivos!)* em 1969, bem como o seu regresso à realização depois de *Grandeur Nature (Tamanho Natural, 1973)*. Estes dados não são, no entanto, apenas informativos, na medida em que ilustram o modo como os obstáculos administrativos e de produção dispersaram o que prometia ser uma das filmografias mais interessantes e coerentes do cinema espanhol.

São conhecidas as dificuldades que a administração franquista impôs à carreira do realizador valenciano após a agitação política causada por *El Verdugo (O Carrasco)* em 1963, a ponto de o seu filme seguinte – *La Boutique (A Boutique, 1967)* – ter tido de ser rodado na Argentina. Quatro anos após o amargo solilóquio intimista de *Tamanho Natural* e com o importante intervalo de 20 de novembro de 1975 [morte de Francisco Franco], *A Espingarda Nacional* é claramente um duplo regresso ao núcleo crucial da obra de Berlanga: um regresso ao impacto histórico na realidade específica espanhola e um regresso à fórmula coral com a participação múltipla de várias personagens.

Para além da influência contínua que a filmografia de Berlanga exerce em vários aspetos da sociedade espanhola, desmistificando os costumes através do humor negro, tanto *Bienvenido, Mr. Marshall (Benvindo, Mister Marshall!, 1952)* como *O Carrasco* inscrevem-se numa perspetiva histórica específica. O primeiro, através dos pactos de

cooperação económica hispano-americana; o segundo, através da sua referência quase direta à execução do comunista Julián Grimau pelas mãos da justiça franquista.

No entanto, enquanto nestes dois filmes o sentido histórico praticamente se sobrepõe ao sentido imediato, no caso de *A Espingarda Nacional* não é esse o caso. Pela primeira vez, Berlanga recua alguns anos na história para nos oferecer um retrato da transição do tradicionalismo para o opus-deísmo no seio da grotesca caçada a que assistiram a alta burguesia e a aristocracia franquistas nos anos sessenta.

E é precisamente nesta opção de levar este guião para o ecrã – voluntariamente – em 1977, que reside a inoportunidade deste filme. É verdade que, talvez devido a uma transição para uma democracia mais reformista do que de rutura, a crítica cinematográfica ao antigo regime não foi tão feroz como seria de esperar; mas verdade é também que, nos últimos dois anos, o cinema espanhol apenas se dedicou a ocupar espaços temáticos do não-dito (da guerra civil aos pequenos espanhóis psicologicamente traumatizados por quarenta anos de repressão) e, muitas vezes, ainda na eterna chave da metáfora, sem, em momento algum, aprofundar as causas – e, claro, as consequências – da Espanha franquista.

Berlanga é, pois, um dos primeiros a oferecer a representação – sem ir ao fundo – de um sainete com personagens até há pouco descaracterizáveis, mas, no entanto, chegou tarde. As personagens de *A Espingarda Nacional* são atualmente [em 1978] membros da minoritária Alianza

Popular ou encontram-se em partidos não parlamentares ou mesmo não controlados e, por isso, não têm um significado político tão relevante como teriam há alguns anos.

Deste modo, o filme dilui-se em toda a sua pretendida eficácia política, já que, neste momento, oferecer um espelho deformante do franquismo só pode, na melhor das hipóteses, provocar uma hilaridade complacente, ou, na pior das hipóteses, reforçar (por comparação) a situação confusa da atual democracia de consenso. Mas tentar introduzir no epílogo, por meio de um simples pequeno cartaz (referindo-se à supressão de todos os ministros e administrações), uma conclusão anarquista, sem ter tido o mínimo trabalho de a fazer passar pela imagem, já é excessivo.

Por outro lado, o filme é divertido. De facto, exala um ar de brincadeira que facilmente contagia o público ao longo da sessão. Este humor vai, no entanto, muito além da simples parábola política, facilmente identificável e de relativa progressão dramática. Há uma boa dose pessoal de Berlanga e Azcona em muitas das situações e personagens. Desde Luis José (López Vázquez), herdeiro dos traumas de Michel Piccoli em *Tamanho Natural*, até ao Marquês (Luis Escobar), cuja coleção de objetos eróticos poderia rivalizar com a luta entre Berlanga e Walerian Borowczyk sobre o assunto.

Neste sentido, *A Espingarda Nacional* é também infiel a uma das mais refinadas realizações do cinema de Berlanga: a sua estrutura coral. Ao longo do filme, a referência a *Plácido* (*Plácido*, 1960) é inevitável. Tal como acontece nesse filme, *A Espingarda Nacional*

baseia-se na inter-relação de uma série de personagens mais ou menos encadeadas pelo protagonista de Jaume Ganivell, embora neste ponto haja uma diferença importante. Em *Plácido*, cada personagem tinha a sua própria identidade, independentemente do seu possível simbolismo social ou político; em *A Espingarda Nacional*, apenas o industrial catalão goza de um quadro psicológico elaborado.

Os restantes são puros simbolismos que funcionam dramaticamente apenas pelo seu significado e identificação pelo espectador, insistentemente obrigado a colmatar os lapsos que poderiam completar a definição das personagens. Este facto contradiz, em grande medida, a já referida intenção do filme ser uma caricatura feroz de indivíduos para os quais, em princípio, não existe qualquer obstáculo censório que os desmascare. Deste modo, as múltiplas histórias paralelas que povoam *Plácido*, e que se vão misturando progressivamente ao longo do filme, tornam-se neste caso uma única história com pequenos desvios que conduzem inevitavelmente ao mesmo sítio.

E isto tem também uma correspondência na planificação; Berlanga utilizou em *Plácido* a profundidade de campo para estabelecer diferentes níveis de ação, de modo a que a ação principal não estivesse sempre em primeiro plano. E neste filme, Berlanga tenta reproduzir o mesmo procedimento. Constantemente, os protagonistas de cada cena são rodeados por um enquadramento muito mais amplo, no qual, na ausência de uma multiplicidade de ações, as personagens de fundo aparecem apenas como figurantes.

Trata-se, em suma, de uma galeria *grand-guignolesca* de grotescos que giram em torno de múltiplas variações sobre o mesmo tema: o de um poder central – representado de forma fálica por essa espingarda nacional da qual, praticamente, só mudaram algumas aparências. As mesmas que agora, tardiamente, ocorre a Luis García Berlanga satirizar.

Esteve Rimbau
(texto traduzido da crítica a *A Espingarda Nacional*, Biblioteca Miguel de Cervantes, 1978)

PRÓXIMAS SESSÕES

CICLO *RETROSPECTIVA LUIS GARCÍA BERLANGA*

11 MAI | DOM | 17H00

PATRIMONIO NACIONAL | PATRIMÓNIO NACIONAL

Luis García Berlanga | ESP | 1981 | 112'

18 MAI | DOM | 17H00

NACIONAL III

Luis García Berlanga | ESP | 1982 | 102'

CICLO *MODOS DE REVER*

10 MAI | SÁB | 17H00

MUSEUM HOURS | AS HORAS DO MUSEU

Jem Cohen | USA, AUT | 2012 | 107'

Convidados: José Bértolo, escritor e investigador, e Clara Rowland, escritora e professora de literatura

CICLO *UM FILME FALADO*

14 JUN | SÁB | 17H00

NEOREALISMO

UMBERTO D

Vittorio De Sica | ITA | 1952 | 89'

Convidados: André Cepeda, fotógrafo, e Cristina Fernandes, investigadora de cinema

CICLO *O SABER DO CINEMA*

10 MAI | SÁB | 10H00

www.serralves.pt

 /fundacao_serralves

 /fundacaoserralves

 /fundacaoserralves

 /serralves

Fundação de Serralves

Rua D. João de Castro, 210
4150—417 Porto — Portugal

serralves@serralves.pt

Linhas gerais:
(+351) 808 200 543
(+351) 226 156 500

Chamadas para a rede
fixa nacional.



Apoio institucional

